

A LUTA CONTINUA: MEMÓRIAS DE SERVÍLIO EM 12 ROUNDS

Luciana Caroline Pina Garcia¹
Hamilcar Silveira Dantas Júnior²

PALAVRAS-CHAVE: Memória; cinema; história;

INTRODUÇÃO

O cinema é uma representação fecunda com materialização imagética de heróis, de enredos e de contextos históricos que alimenta a nossa memória. Viver é produzir história aquilo que os historiadores costumam chamar de historiografia nada mais é que a história vivida e escrita sobre o olhar do historiador a partir de um passado que efetivamente aconteceu.

Faz-se necessário atentar para o valor historiográfico dessas representações fílmicas e com isso, pretende-se compreender de que maneira os filmes históricos narram um enredo ou um processo histórico e como se dá à construção da memória dentro dessa narrativa para isso fez-se uso da análise fílmica com um caráter estritamente descritivo.

Ao assistir um filme cria-se uma memória que muitas vezes não se constrói com a história escrita. Segundo Le Goff (2003, p.429) “a escrita tem duas funções: o armazenamento de informações e assegurar a passagem da esfera escrita para a visual”. Neste sentido, o cinema pode ser visto como algo que vai além da escrita, pois trabalha com as duas esferas, a auditiva e a visual além de possibilitar o armazenamento de informação por meio da rememoração.

O cinema é uma tecnologia adicional para o estudo da história que se apresenta como meio ou como objeto de estudo com diversas possibilidades de fontes. Pensando nessas fontes foi selecionado para análise dentre tantos documentários do projeto de Memória do esporte Olímpico, o filme, ‘A luta continua: um documentário em 12 rounds’ que se destaca pelo seu caráter histórico de construção de uma memória coletiva baseada nos depoimentos, nas imagens, nos vídeos e nas lembranças.

O BRASIL NÃO PODE PERDER O QUE JÁ GANHOU³

¹ Mestranda em Educação/UFS, luciana.carolpina@gmail.com

² Doutor em Educação/UFS e Professor do Departamento de Educação Física/UFS, hamilcarjr@hotmail.com

³ Esse título é o slogan do projeto na página de divulgação www.memoriadoesporte.org.br.

A reconstrução dos fatos contada no documentário traz como principal fonte a memória, que é contextualizada pela presença e pelo depoimento do próprio ator principal - Servílio - e dos agentes que com ele constituem essa história. Para Chartier (2010) a história é uma narração das coisas ou ações como elas aconteceram, ou como teriam podido acontecer.

O 1º round, se passa no ano de 1960 na cidade de São Paulo, com a reconstrução da cena que desperta nele o desejo de ser um lutador de boxe. O cinema apresenta elementos que vão além do filme, o trailer visto muitas vezes como algo superficial é visto por Barros (2007) como uma fonte de análise. Para Servílio a apresentação da Luta de Galinho de Ouro pelo Canal 100 foi algo que despertou nele interesse.

No 2º round, fecham-se as cortinas para a reapresentação da cena com a presença do ator Servílio de Oliveira que reconstrói aquele momento como determinante para a construção de sua história, o seu testemunho parece ser algo que afirma aquilo que realmente aconteceu, segundo Chartier (2009) a testemunha com suas declarações dá acesso a acontecimentos que se consideram históricos e que nunca foram a recordações de ninguém.

A construção do documentário está firmada no depoimento do ator Servílio, dos agentes que com ele participaram da construção dos fatos e por imagens em vídeos e fotos. Os acontecimentos selecionados pela memória das testemunhas carregam um significado coletivo. Para Bosi (2003, p.31) “a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns”.

O 6º, o 7º e o 8º rounds trazem esses elementos que se completam. No 6º round a escolha do treinador em falar da luta que deixa marcas profundas e que o afasta do sonho de ser o melhor lutador do mundo não é casual, essa fala tem elementos que demarcam a vitória de Servílio contra Moreno e o consagra campeão.

O impedimento de seguir em frente com seu sonho não agrada. O 9º e o 10º round demarcam a decisão do afastamento definitivo de Servílio em disputar o título sul-americano, ‘injustiçado pelo destino’ essas são as suas palavras para descrever esse momento. Para Gustavo de Oliveira o pai é reconhecido mas não é valorizado, Bosi (2003, p.119) afirma que “a mudança de atitude exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais” o que implica diretamente nas decisões futuras de Servílio que não deixa perder de vista os seus sonhos. “*Acredito que alguma coisa em um futuro não muito distante ainda pode acontecer*” (Servílio, 2011).



O 11º e o 12º rounds fazem alusão ao tempo presente e o tempo passado. O sonho de Servílio agora é sonho de muitos outros garotos, dentre esses Rafael Bombonatti que aparece dando o seu depoimento e diz que seu sonho é *'ser o melhor do mundo'*. O tempo passou e as imagens, as recordações se confrontam na memória como algo bom, as medalhas guardadas dentro de uma caixa parecem estar incorporadas para sempre na vida de Servílio de Oliveira.

REFLEXÕES FINAIS

O uso do cinema como conservação de uma história de vida é algo que vem ganhando espaço. Para Bosi (2003, p.69) “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. Pensando nisso é que esse projeto se apresenta como construtor de memória com a pretensão de não deixar perder aquilo que já foi conquistado.

O documentário traz diversas fontes, que alimentam a nossa memória e reconstruem a história de um homem que representa para o Brasil a conservação de uma história. A partir de agora as lembranças passam a ser coletivas, lembradas por todos nós, que tivemos contato com elas, pois agora já não se trata mais de um acontecimento no qual apenas Servílio e seus agentes (irmãos, técnico, esposa, filho) estiveram envolvidos.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. D'A. Apologia da relação Cinema-história. In: BARROS, J.D'A. **Cinema-história: Ensaios sobre a relação entre cinema e história**. Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos sobre sociedade e cultura, 2007, p.13-55.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. In **Estudos Avançados**. 24 (69), p. 7-30. Rio de Janeiro: 2010.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-476.

Programa Petrobras Esporte & Cidadania. **Projeto Memória Do Esporte Olímpico**. Disponível em <<http://memoriadoesporte.org.br/>>, acesso feito em 30 de abril de 2014, 22h30.